

## O voo das aves

Peter Kleinert conferiu à fábula de Brecht a dimensão de um concerto rock

TEXTO JOÃO CARNEIRO

A “boa alma” a que o título faz referência é a personagem central da peça, a boa Chen Te. O autor, Brecht, quis situar a sua história numa China que é também um lugar miticamente afastado — apesar de hoje em dia isso talvez não ser já exatamente assim; mas, como nota o alemão Peter Kleinert, encenador do espetáculo, a peça é uma espécie de conto de fadas. De facto, numa Sé-Chuão habitada por gente miserável e esfomeada, acontece a visita de três deuses, que vêm à terra à procura de gente boa. É uma tarefa ingrata, e os deuses quase desesperam. Precisam de um lugar para dormir e pedem a Wang, o aguadeiro — a primeira pessoa que encontram, ele que esperava os deuses há já três dias, para ser o primeiro a falar com eles —, que os ajude. Nada, todos viram as costas; menos Chen Te, a prostituta, apesar de estar a trabalhar para ganhar mais uns cobs — “infelizmente,

a barriga também dá horas no dia do aniversário do imperador. Mas está bem, eu dou-lhes guarida”. Para pagar o alojamento, e como recompensa, os deuses despedem-se com uma pequena chuva de dinheiro; Chen Te compra, assim, uma tabacaria e prepara-se para iniciar uma nova vida. Mal abre a loja, ainda antes mesmo de vender seja o que for, Chen Te é assaltada por uma multidão que lhe pede comida, dinheiro, abrigo. Chen Te não sabe recusar nada, é a imagem da piedade e da compaixão. Até que surge um primo, Chui Ta. Frio, organizado, vai pôr ordem na vida da “boa alma”. Quando está um, não está o outro — Chui Ta é Chen Te, na sua transformação ditada pela necessidade de sobreviver. “A Boa Alma de Sé-Chuão” poderia ser uma peça didática, com uma linha definida entre o bem e o mal. Contudo, Brecht trabalhou vários

anos no texto, até o finalizar no início de 1941. Qualquer tipo de elementaridade no tratamento das questões referidas está afastada da peça. Chen Te é não apenas uma personagem dupla, é uma personagem complexa. Além de ser mulher e homem, Chen Te um dia apaixona-se por um aviador desempregado, miserável, prestes a suicidar-se; Chen Te fica grávida dele, Chen Te prepara-se para casar com ele, Chen Te percebe que Sun, o aviador, não gosta tanto dela como gosta do dinheiro dela; Chen Te acaba por interferir no comportamento de Chui Ta, uma vez que, para todos os efeitos, trata-se da mesma pessoa, do mesmo coração, e as emoções, como “o aguilhão da carne”, são difíceis de controlar.

Rita Cabaço representa Chen Te/Chui Ta, e os restantes sete elementos fazem todas as personagens, são músicos e instrumentistas, num espetáculo em que a sugestão do concerto rock está presente desde o início. Os atores trabalharam com o encenador de maneira a enfatizar o lado performático da peça e construíram, com as suas ideias e improvisações, grande parte daquilo que o público irá ver.

“A Boa Alma de Sé-Chuão” acaba de maneira inconclusiva, revela-se muito mais um complexo de questões do que uma resposta à questão central, como ser bom e estar no mundo. É, também, um espetáculo lírico, poético. “Quando éramos crianças, tínhamos um grou com uma asa aleijada. Era simpático para nós, não levava a mal as nossas brincadeiras e marchava atrás de nós com um andar imponente, gritando para não corrermos depressa demais para nos poder acompanhar. Mas no outono e na primavera, quando os grandes bandos passavam nos céus da aldeia, ficava muito inquieto, e eu entendia-o bem”, conta Chen Te ao aviador, numa das mais belas passagens do texto. Interpretam, além de Rita Cabaço, Beatriz Godinho, Érica Rodrigues, Inês Garrido, Tomás Alves, João Tempera, Miguel Raposo e Pedro Melo Alves. ●

Érica Rodrigues, Inês Garrido,  
Beatriz Godinho e Rita Cabaço  
em “A Boa Alma de Sé-Chuão”



RUI CARLOS MATEUS

**A BOA ALMA DE SÉ-CHUÃO**  
De Bertolt Brecht

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada,  
de 19 de outubro a 11 de novembro